

COLONIALIDADE E LIBERTAÇÃO: UMA LEITURA DECOLONIAL DE "QUARTO DE DESPEJO - DIÁRIO DE UMA FAVELADA" NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Prof. Ma. Valeria de Fatima Tartare Marassatto ¹

Prof. Dr. Carlos Roberto da Silveira ²

RESUMO

Este artigo³ investiga a colonialidade na educação brasileira, ao analisar como as epistemologias eurocêntricas moldaram historicamente o sistema educacional, perpetuando a marginalização de outros saberes denominados “periféricos”. Adota a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel como aporte teórico, e propõe um diálogo com a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, considerada um exemplo de resistência epistemológica que ressignifica as vivências de pessoas à margem da sociedade. Parte-se do pressuposto de que a valorização de narrativas marginalizadas pode contribuir para a desconstrução da colonialidade do saber na escola. A hipótese central sugere que o uso pedagógico dessa obra possibilita a formação de uma educação crítica e decolonial, promovendo reflexões sobre exclusão social, racial e epistêmica. A pesquisa busca responder: como a obra de Carolina Maria de Jesus pode ser utilizada como recurso pedagógico no enfrentamento da colonialidade educacional? Os objetivos incluem analisar a potencialidade emancipatória da obra, propor estratégias de uso em sala de aula e discutir suas implicações para uma educação libertadora. A metodologia combina análise bibliográfica e estudo crítico-reflexivo, com resultados que destacam a relevância da literatura marginalizada como instrumento de conscientização e transformação pedagógica.

Palavras-chave: Educação, Filosofia da Libertação, Carolina Maria De Jesus, Educação Crítica, Exclusão Social.

INTRODUÇÃO

A colonialidade do saber, conceito central nas discussões decoloniais, revela como as estruturas epistemológicas forjadas durante o período colonial continuam a moldar os sistemas de conhecimento e educação contemporâneos (Quijano, 2005). No Brasil, a herança dessa lógica perpetua desigualdades sociais, econômicas e culturais, marginalizando saberes e experiências que não se alinham ao cânone eurocêntrico. Neste contexto, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, emerge como uma narrativa que desafia essas estruturas. O diário de Carolina, escrito a

¹ Discente do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco – (PPGSSE-USF), valeria.tartare@mail.usf.edu.br;

² Professor orientador: Pós-Doutor em Educação pela Universidade São Francisco (USF-SP- Brasil), carlos.silveira@usf.edu.br.

³ Este artigo é resultado de projeto de pesquisa de mestrado, cuja dissertação foi apresentada no e aprovada pelo PPGSSE-USF em agosto de 2022, com o título “*Quarto de despejo – diário de uma favelada* e a Escola amarela da vida: uma análise decolonial” (Marassatto, 2022).



partir das margens sociais e geográficas, carrega uma potência reflexiva capaz de questionar não apenas o imaginário colonial, mas também as suas consequências na educação brasileira.

Sob a ótica de Enrique Dussel e sua Filosofia da Libertação, este artigo propõe uma leitura que privilegia as vozes subalternizadas como ponto de partida para a produção de conhecimento. Para Dussel (1977), a periferia – tanto geográfica quanto epistemológica – não é um lugar de subalternidade passiva, mas um espaço de resistência ativa. Assim, a obra de Carolina Maria de Jesus não apenas documenta a experiência de uma mulher negra e pobre em uma favela brasileira, mas também oferece uma crítica contundente às estruturas de poder e exclusão que fundamentam a colonialidade. Essa perspectiva filosófica de Dussel dialoga diretamente com os relatos de Carolina, fortalecendo uma abordagem decolonial que desestabiliza os paradigmas hegemônicos de ensino e aprendizagem.

Portanto, a proposta que trazemos é uma reflexão sobre a relevância de abordar literatura, filosofia e educação como práticas integradas de resistência e desconstrução. O diálogo entre Carolina Maria de Jesus e Enrique Dussel não apenas ilumina as dimensões da colonialidade no Brasil, mas também inspira práticas pedagógicas voltadas à transformação social. Esta articulação é fundamental para a reconfiguração do espaço educacional como um território de emancipação, onde múltiplos saberes possam coexistir e florescer.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza bibliográfica e crítico-reflexiva, fundamentada na análise de textos teóricos e literários que abordam a colonialidade na educação e suas possibilidades de superação.

Ao longo deste artigo, examina-se a presença da colonialidade no sistema educacional brasileiro — desde sua herança histórica, marcada por epistemologias eurocêntricas, até suas manifestações contemporâneas nos currículos e práticas escolares. Em seguida, analisa-se como *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, emerge como uma potente resistência epistemológica e cultural, sendo interpretada à luz da filosofia da libertação de Enrique Dussel.

O percurso reflexivo se estrutura em três eixos: a contextualização da colonialidade na educação; a leitura de Carolina Maria de Jesus como voz



subalternizada que resiste; e a proposição de uma prática pedagógica libertadora inspirada na filosofia da libertação.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a colonização, o sistema educacional brasileiro foi moldado para perpetuar epistemologias eurocêntricas, privilegiando os saberes e valores das elites colonizadoras em detrimento das cosmovisões dos povos originários, a princípio; africanas e populares, ao longo do tempo. As primeiras escolas, criadas pelos jesuítas, tinham como objetivo catequizar e “civilizar” os povos originários, consolidando a supremacia do cristianismo e da cultura europeia como pilares do conhecimento válido. Durante séculos, essa lógica se tornou a base estruturante da educação no Brasil.

Mesmo após a independência, o sistema educacional continua sendo desenhado para atender aos interesses das elites. As reformas educacionais subsequentes reforçaram um currículo pautado no pensamento ocidental, enquanto as contribuições culturais e epistemológicas de grupos marginalizados – povos originários e africanos traficados e seus descendentes, além de populações empobrecidas – foram sistematicamente invisibilizadas. A LDB n.º 4.024/1961, primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1961), por exemplo, institucionalizou o currículo centralizado em disciplinas tidas como universais, desconsiderando as especificidades regionais e culturais do país.

A herança colonial também é evidente na valorização desproporcional de línguas e literaturas europeias, enquanto a produção intelectual de autores e autoras não brancos foi silenciada ou marginalizada. Um exemplo emblemático dessa exclusão é o reconhecimento tardio de obras como as de Carolina Maria de Jesus, que oferece relatos contextuais sobre a vida na periferia urbana brasileira, como é o caso do analisado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

Impacto na Prática Escolar: A Manifestação da Colonialidade

Atualmente, a colonialidade no sistema educacional brasileiro se reflete nas práticas pedagógicas, desde os currículos – haja vista a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – até a organização escolar. Os currículos oficiais começam priorizando conteúdos que reforçam uma visão eurocêntrica da história e da cultura, invisibilizando narrativas periféricas (Gomes, 2012). Por exemplo, a história oficial



frequentemente celebra os “grandes” navegadores europeus enquanto minimiza os impactos da escravidão e da colonização nas populações afro-brasileiras e de povos originários.

A marginalização dos saberes periféricos também se manifesta na forma como conhecimentos ancestrais e comunitários são tratados como informais ou inferiores (Santos, 2010). Tradições orais, práticas agrícolas desses povos e saberes populares são recentemente incorporados às práticas pedagógicas, enquanto disciplinas como matemática e ciências são apresentadas de maneira descontextualizada, sem diálogo com a realidade vivida pelos estudantes de regiões periféricas.

Outro reflexo da colonialidade é a própria estrutura hierárquica das escolas, que privilegia o professor como detentor do conhecimento e os estudantes como receptores passivos, reproduzindo uma lógica autoritária e unilateral (Freire, 1968). Além disso, a exclusão digital e o déficit de recursos nas escolas públicas, principalmente em áreas periféricas, perpetuam a desigualdade de acesso ao conhecimento.

Esse cenário evidencia a urgência de práticas pedagógicas que confrontem a colonialidade. Promover currículos que valorizem as múltiplas vozes do país, e repensar as dinâmicas de poder dentro das escolas são passos fundamentais para romper com a lógica hegemônica e construir uma educação verdadeiramente emancipatória e plural.

A voz de Carolina Maria de Jesus como resistência epistemológica

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, transcende a condição de relato autobiográfico e emerge como um poderoso testemunho de denúncia social e resistência epistemológica. Escrita por uma mulher negra, favelada e autodidata, a narrativa revela um olhar crítico e único sobre as dinâmicas de opressão que estruturam a sociedade brasileira, expondo a realidade da favela como um espaço de exclusão, violência e luta pela sobrevivência. Carolina Maria de Jesus, ao trazer a público as experiências invisibilizadas das margens, desafia a hegemonia das epistemologias eurocêntricas e propõe uma forma de saber ancorada na vivência cotidiana e na resiliência dos oprimidos (Dalcastagnè, 2012).

A perspectiva decolonial a partir de Enrique Dussel ilumina a potência transformadora dessa obra. Segundo Dussel (2002), a colonialidade do poder e do saber é sustentada pela centralização de uma epistemologia que desconsidera os sujeitos periféricos como fontes legítimas de conhecimento. Em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, Carolina subverte essa lógica ao narrar sua vivência não como objeto de



análise externa, mas como sujeito ativo de sua história. Sua escrita, carregada de autenticidade e indignação, ressignifica a condição social de mulher negra e favelada, revelando a capacidade de criação e reflexão a partir das margens. Ela questiona as hierarquias sociais e as relações de poder que relegam sua comunidade à invisibilidade e à miséria, ao mesmo tempo em que legitima uma epistemologia própria, nascida da experiência concreta da exclusão.

O potencial decolonial e emancipatório da obra reside na sua capacidade de reconfigurar o lugar dos saberes subalternos no debate social e intelectual. Carolina Maria de Jesus transforma sua vivência em literatura e resistência, oferecendo uma nova narrativa para a história brasileira, que não é mediada pelas elites ou pelos agentes do poder dominante, mas pela própria voz daqueles que foram historicamente silenciados. Para Bell Hooks (2013), o ato de contar nossas histórias é, por si só, um ato de resistência, pois desafia o silêncio imposto pelos sistemas de opressão. Dessa forma, ao narrar, Carolina afirma sua humanidade, desafiando a desumanização imposta pela colonialidade, e inspira práticas de leitura, ensino e produção de conhecimento que valorizem as vozes das margens como essenciais para a construção de uma sociedade mais justa.

Por meio de sua escrita, Carolina cria um espaço de resistência que questiona as estruturas hegemônicas de saber, ampliando a compreensão sobre a educação, a literatura e a própria história do Brasil. Santos (2010) defende que não podemos alcançar justiça social global sem justiça cognitiva global. E que é preciso reconhecer os saberes que foram historicamente silenciados e excluídos. Portanto, o legado da autora nos convida a reconsiderar práticas pedagógicas e epistemológicas, colocando no centro do debate os saberes e as experiências que emergem das periferias e das favelas, reafirmando que a luta por justiça social passa necessariamente pelo reconhecimento e valorização dessas vozes.

Filosofia da Libertação e Educação Decolonial

A Filosofia da Libertação, proposta por Enrique Dussel, é um movimento intelectual e ético que emerge como resposta às formas de opressão histórica impostas pelo colonialismo. No centro desse pensamento está o conceito de “libertação”, que Dussel (1977) entende como a ruptura com sistemas de poder que subordinam sujeitos e culturas periféricas, perpetuando desigualdades econômicas, políticas e epistemológicas. A libertação, nesse contexto, não é apenas um ato de resistência, mas um projeto de



reconstrução baseado no reconhecimento e na valorização dos saberes e experiências dos oprimidos, que historicamente foram silenciados ou marginalizados.

No campo educacional, essa perspectiva se traduz em práticas pedagógicas críticas, que buscam desestabilizar a lógica colonial ainda presente nos currículos e metodologias. A articulação entre a Filosofia da Libertação e a educação brasileira permite abordar questões de desigualdade estrutural e epistemológica, criando espaços de reflexão e ação que valorizem a diversidade cultural e as histórias dos povos subalternizados. Nesse sentido, a literatura marginalizada, como *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, desempenha um papel central ao trazer para o debate escolar as vozes e vivências de quem foi historicamente excluído das narrativas oficiais.

A obra de Carolina Maria de Jesus, ao revelar a realidade da favela e denunciar a opressão social, representa um recurso pedagógico poderoso no contexto da educação decolonial. Utilizá-la em sala de aula não apenas rompe com a lógica hegemônica que privilegia a literatura canônica e eurocêntrica, mas também promove uma pedagogia que coloca os sujeitos periféricos no centro do processo de aprendizagem. Ao ler e analisar *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, os educandos são convidados a refletir criticamente sobre questões como desigualdade, exclusão e resistência, conectando o passado histórico às realidades presentes e reconhecendo o valor dos saberes oriundos das margens.

A pedagogia decolonial, inspirada pela Filosofia da Libertação, propõe um rompimento com o epistemicídio – a destruição dos saberes de culturas subalternizadas – e a construção de uma educação que fomente a emancipação. Carolina Maria de Jesus, ao transformar suas experiências em literatura, oferece um modelo de como as práticas educativas podem desafiar as estruturas coloniais e promover a conscientização dos estudantes, inspirando-os a se tornarem agentes de transformação social. Dessa forma, sua obra não é apenas um testemunho de resistência, mas um convite à criação de uma educação crítica e libertadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, oferece um rico material para práticas pedagógicas que desafiem estruturas hegemônicas e promovam uma educação crítica e decolonial. A seguir, são apresentadas



Com o objetivo de introduzir os educandos – por exemplo, do ensino fundamental 2, que já possuem um maior domínio da leitura – à realidade histórica e social vivida por Carolina Maria de Jesus, pode-se iniciar com uma discussão sobre o contexto do Brasil dos anos 1950 e 1960, destacando as condições de vida nas favelas e a exclusão social enfrentada pela população negra e pobre. A partir disso, propor que pesquisem sobre a vida da autora, destacando sua trajetória como escritora autodidata e moradora de favela. Como atividade prática final, pedir-lhes que criem uma linha do tempo ilustrada sobre a vida de Carolina e os acontecimentos históricos contemporâneos a ela. Dessa forma, chega-se a um debate e uma reflexão inicial, com contextualização histórica e social.

Uma produção de textos reflexivos seria o caminho natural para um aprofundamento, no sentido de incentivar a expressão deles sobre os temas abordados na obra, por exemplo, sobre como a exclusão social apresentada no livro se relaciona com a realidade atual, com a sugestão de que eles proponham soluções ou reflexões sobre como a sociedade poderia combater as desigualdades descritas por Carolina. Para divulgação dessas produções, a organização de um “jornal da classe”, reunindo os textos produzidos e distribuindo entre os alunos e a comunidade escolar.

Outra abordagem, na área das artes visuais e expressão criativa, com o objetivo de explorar diferentes formas de expressão para interpretar a obra, seria propor que os educandos criem ilustrações, colagens ou fotografias inspiradas nos trechos de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, com as quais desenvolvam um mural coletivo que represente os temas principais do livro, resultando em uma exposição escolar com os trabalhos artísticos, acompanhados de pequenas legendas escritas por eles explicando suas criações.



Em sendo possível, trazer algum especialista para um debate sobre educação decolonial, a fim de relacionar a obra à discussão sobre educação decolonial e justiça social. Promover uma roda de conversa sobre como o conhecimento produzido por Carolina pode desafiar as narrativas eurocêntricas presentes nos currículos escolares e discutir como a obra contribui para ampliar as perspectivas dos alunos sobre os saberes das margens. Como encerramento, pedir aos educandos que elaborem um projeto coletivo para valorizar vozes periféricas em sua escola, como a criação de um clube de leitura com obras de autores marginalizados.

Ao adotar essas práticas, os professores podem ajudar a desconstruir a visão hegemônica tradicional e valorizar narrativas que muitas vezes são silenciadas. Trabalhar *Quarto de despejo: diário de uma favelada* na sala de aula não apenas contribui para a conscientização dos alunos sobre desigualdades sociais e raciais, mas também estimula a formação de sujeitos críticos e ativos na transformação da realidade. Além disso, reforça o papel da literatura marginalizada como instrumento de resistência e emancipação, alinhado aos princípios de uma educação decolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou traçar um diálogo entre a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, a Filosofia da Libertação de Enrique Dussel e a Educação Brasileira, com o objetivo de evidenciar como essas perspectivas podem contribuir para o enfrentamento da colonialidade que ainda estrutura o sistema educacional. Inicialmente, foi analisada a perpetuação de epistemologias eurocêntricas na educação, que marginalizam saberes periféricos e invisibilizam as contribuições de grupos historicamente oprimidos. A partir dessa análise, discutiu-se o potencial de *Quarto de despejo: diário de uma favelada* como uma obra que denuncia a opressão e ressignifica a condição social das pessoas marginalizadas, promovendo uma epistemologia que desafia a hegemonia do saber colonial.

O diálogo com a filosofia de Dussel permitiu reforçar que a educação libertadora deve partir das realidades concretas dos oprimidos, reconhecendo suas vozes e experiências como pontos de partida para a construção de um conhecimento crítico e transformador. Nesse contexto, a literatura marginalizada, como a de Carolina Maria de Jesus, torna-se um recurso pedagógico essencial para fomentar a conscientização sobre as desigualdades estruturais e inspirar práticas educativas decoloniais.



Incorporar obras como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* ao currículo escolar tem implicações profundas: desafia a exclusão epistêmica, promove uma visão mais plural do conhecimento e incentiva a formação de sujeitos críticos. Essa incorporação não se limita a apresentar novos conteúdos, mas propõe uma reorientação pedagógica que valorize a humanidade e as histórias das populações marginalizadas, rompendo com a lógica de exclusão e silenciamento que historicamente marcou a educação brasileira.

Encerramos este artigo com a reafirmação de que uma educação verdadeiramente libertadora passa pela valorização das vozes historicamente silenciadas. A obra de Carolina Maria de Jesus, em sua força narrativa e autenticidade, nos convoca a reimaginar a escola como espaço de resistência e transformação, onde literatura, filosofia e educação convergem para promover a justiça social e a emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 1961. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/acervos/ldb-lei-no-4024-de-20-de-dezembro-de-1961>

DALCASTAGNÈ, R. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. **Iberic@l**, N. 2, 2012. p. 13-18. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2024.

DUSSEL, E. **Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão**. São Paulo: Vozes, 2002.

DUSSEL, E. **Filosofia da libertação na América Latina**. São Paulo: Loyola, 1977.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GOMES, N. L. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2012, p. 98-109.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo B. Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustração Vinícius Rossignol Felipe. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200 p. + il.

MARASSATTO, V. F. T. **Quarto de despejo - diário de uma favelada e a Escola Amarela da Vida: uma análise decolonial**. Itatiba, 2022. 108 p. Dissertação (Mestrado)



– Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: Lander, E. (organizador). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B.S.; MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 23-72.

